CAMINHANDO COM OS RIBEIRINHOS PELA AMAZÔNIA. AM, BRASIL

Maria Corette Pasa¹

Raiziana Mary de Oliveira Zurra²

Margô De David³

A Floresta Amazônica reserva números grandiosos quanto a sua diversidade biológica, sendo muito rica e ampla, possuindo três ecossistemas básicos: matas de várzea, matas de igapó e matas de terra firme. Moran (1990) considera um sistema simplista de classificação pela complexidade desses sistemas ecológicos, acrescenta a este pensamento um conhecimento mais significativo da ação histórica do homem nativo sobre a ecologia amazônica, desdobrando os ecossistemas em diferentes tipos de várzea e de ambientes de terra firme, considerando esse conhecimento essencial à reorientação de políticas conservacionistas, desenvolvimentistas e territoriais.

Para Posey (1986 a) pesquisas com antropólogos e etnobiólogos têm constatado um profundo conhecimento sobre os organismos e processos ecológicos locais por parte desses grupos em todo o mundo. Este saber sobre o ambiente em que vivem e convivem as populações humanas tem uma importância sobre o uso e manejo dos recursos naturais. Para a obtenção de alimentos, remédios e matérias-primas para os mais diversos fins, os conhecimentos encontram-se enraizados em contextos culturais e ambientais específicos e consiste em averiguar as aplicações e usos tradicionais dos vegetais pelo ser humano, intrinsecamente presentes nas populações tradicionais ribeirinhas (AMOROZO et al.; 1996). Pelo viés da etnobotânica, as populações ribeirinhas amazônicas promovem a manutenção das florestas ao constituir alternativas sustentáveis para a sobrevivência local. Neste cenário, da cultura e do saber, que mantém as comunidades ribeirinhas in-

1 Prof^a. Dr^a. do Dept^o de Botânica e Ecologia/IB.UFMT. PPG em Ciências Florestais e Ambientais. UFMT; PPG REAMEC–Rede da Amazônia Legal Brasileira pasaufmt@gmail.com

2 Prof^a. Dr^a. da Universidade Estadual do Amazonas. UEA. Tefé.

3 Prof^a. Doutoranda pelo PPG Bionorte. MT. margodedavid@hotmail.com

tegradas ao seu contexto ambiental e histórico, é possível destacar as interações desta população com o ambiente sob os aspectos cultural e ambiental no cenário do cotidiano amazonense.

DESENHO ETNOBOTÂNICO

A comunidade ribeirinha Caburini está localizada às margens do rio Solimões, com as coordenadas geográficas 01°49'00"S e 65°42'00"W e com altitude de 30 -75 na região central do Amazonas, AM (IBGE, 2017). (Figura 1).

Figura 1. Comunidade às margens do rio Solimões. Amazonas, Brasil. 2013

Fonte: Acervo dos autores. 2013.

A metodologia consistiu na aplicação de técnicas etnobotânica como o Pré-teste, entrevistas dos tipos semi-estruturada e aberta (Minayo, 1991), história oral (Meihy, 2007), turnê guiada e registro fotográfico. As coletas ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2013. Também foi aplicado o TAP (Termo de Anuência Prévia), para os esclarecimentos dos objetivos e as devidas autorizações para participação de forma livre e espontânea na pesquisa. As exsicatas encontram-se depositadas no Herbário da Universidade Estadual do Amazonas – UEA. As identificações botânicas foram realizadas por comparação com material depositado na estufa da UEA /Tefé, por consulta à literatura pertinente e a especialistas, bem como à consulta à plataforma de trabalho do Herbário Vir-

tual Reflora e Flora do Brasil 2013. Durante as excursões e por um período de quinze dias foram realizadas as amostras das plantas, especialmente em fases reprodutiva e vegetativa para montagem de exsicatas que estão depositadas no Herbário da UEA em Tefé, AM. A identificação que seguiu a nomenclatura botânica *The Plant List* e para os nomes científicos utilizou-se a base de dados do *Missouri Botanical Garden, Saint Louis*, disponível em <http://www.tropicos.org>. Para a listagem dos táxons seguiu-se o APG III (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aspectos sociais e culturais

A comunidade ribeirinha existe há mais de setenta anos no local e é formada por 20 famílias nucleares e no total por 115 pessoas, sendo 75 adultas, entre homens e mulheres, na faixa etária de 20 a 85 anos de idade e a maioria nascida e criada na própria comunidade, sendo a maioria parentes entre si. Cada família possui, em média, de três a quatro filhos. A maioria dos adultos não apresentam qualquer escolaridade e os escolarizados possuem o primeiro grau incompleto.

Quanto à etnia, a mesma é constituída por indígenas da região e também por nordestinos que migraram no período da borracha e denominados de caboclos ou ribeirinhos. Em sua maioria, são católicos, de modo que a Igreja Católica organizou as comunidades em famílias e iniciou o trabalho de conservação e sustentabilidade local onde existe um presidente para supervisionar as atividades e as decisões, que são tomadas em assembleia geral. Todos os comunitários que fazem parte da associação podem vender seus produtos na feira de Tefé ou utilizar para a sobrevivência da família. O meio de deslocamento para vender seus produtos na feira é através de lancha, conforme Figura 2. É no centro comunitário que acontecem as atividades culturais e religiosas como as rezas, batizados, casamentos e encontros culturais e eles destacam que os cantos ribeirinhos são muito apreciados pelos comunitários e pelos turistas.

Figura 2. Cultivares a serem comercializados na feira em Tefé. AM. 2013

Fonte: Acervo dos autores. 2013.

As pessoas da comunidade desenvolvem artesanato com semente, fibra, argila e madeira. Os turistas são levados pelo programa de ecoturismo de Tefé até às comunidades para a compra de seus produtos de artesanato. A visita dos turistas à comunidade promove a valorização da história e da cultura local e os lucros obtidos através da venda dos produtos são revertidos para os projetos comunitários como construções e melhoria na escola e casas locais (Figura 3).

Figura 3. Artesanatos confeccionados e comercializados pelos comunitários. AM. 2013

Fonte: Acervo dos autores. 2013.

No local é possível visualizar a prática cultural exercida pelos comunitários devido ao nível das águas. Nas fases da enchente e da

vazante eles realizam, em média, quatro mudanças de residência nestes períodos. Eles deslocam a residência, caracterizada como palafita, conforme o ritmo das águas, mas sempre residindo próximo do rio. Em torno de oito meses a água avança praia adentro e se encontra com as casas na beirada das florestas e nesta época eles sobrevivem dos recursos florestais, pesca e artesanatos. Na época da seca as águas recuam e deixam expostas praias imensas, que servirão para o cultivo das roças. No período de seca eles constroem suas casas na praia, na forma de palafitas sobrepostas às plantas cultivadas e utilizam a água do rio para beberem e para lavar roupa (Figuras 4 e 5).

Figura 4. Lâmina de areia durante a estação sazonal da vazante. AM, 2013
Fonte: Acervo dos Autores. 2013.

Figura 5. Quintal em frente à residência denominada localmente de palafita. Amazonas. 2013
Fonte: Acervo dos autores. 2013.

A comunidade e os recursos vegetais

As florestas locais que compõem a beleza do cenário amazônico constituem uma unidade de paisagem muito importante para as comunidades tradicionais, uma vez que delas retiram alimentos, remédios e madeiras, de forma sustentável, para a sua sobrevivência (Figura 6). Os ribeirinhos executam duas atividades primordiais e culturais que são, o manejo florestal e a agricultura familiar.

Figura 6. Florestas no alto do rio Solimões. Amazonas, AM. 2013

Fonte: Acervo dos autores. 2013.

Outras unidades de paisagens são relevantes para os cultivos locais, que caracterizam a produção familiar, como as roças, os quintais e as hortas, organizadas perto das residências para facilitar as atividades de manejo nesses ambientes antropicamente modificados pelos ribeirinhos.

As espécies vegetais usadas como madeiras se destinam para as construções de casas, girais, camas, mesas, bancos, cabo de enxada, cabo de facão e também como combustível para fazer o fogo. A madeira mais utilizada é castanheira (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), seguidos da jacareúba, mamuí, mulateiro, piranha, acapú e os cipós das matas (arumã e jacitanã).

Para Silva *et al.* (1987) *Bertholletia excelsa* é considerada de alta prioridade para conservação da diversidade genética, entre outros fatores, por ser uma espécie de gênero monoespecífico. Os

castanhais nas matas locais são priorizados no sentido de manter o germoplasma existente “*in situ*” ao proporcionar áreas de refúgios e alimentação para os animais silvestres.

Na comunidade local os ribeirinhos atribuem culturalmente características morfoanatômicas à castanheira, classificando-as conforme o tamanho do ouriço e o número de sementes nele existentes, sendo popularmente conhecidas e distinguidas no local os tipos: rosa, rajada e mirim. A extração da amêndoa constitui-se de atividades cultural, social e econômica na região e executado, principalmente, pelas mulheres, conforme Figura 7.

Figura 7. Processo de extração da amêndoa de *B. excelsa* no centro comunitário Caburini. 2013

Fonte: Acervo dos autores.

Centenas de residentes das regiões do norte de Mato Grosso e da Amazônia obtêm algum rendimento com a Castanha-do-Brasil. A espécie é considerada um símbolo da Amazônia e sua coleta e comercialização contribuem para a proteção de milhões de hectares de florestas contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico das populações locais (PASA; DE DAVID, 2016).

Alguns produtos encontrados nas florestas fazem parte das dietas alimentares e fins medicinais como o bacuri (*Garcinia brasiliensis* Mart.), buriti (*Mauritia flexuosa* L. f.), açaí (*Euterpe precatória* Mart.), patuá (*Oenocarpus bataua* Mart.), babaçu (*Orbignya speciosa* Mart. ex Spreng.) Barb. Rodr.), piquiá (*Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.), cacau (*Theobroma cacao* L.), castanha (*Bertholletia excelsa* Bonpl), jatobá (*Hymenaea parvifolia* Huber), copaíba (*Copaifera* spp.), cumbaru (*Dypterix alata* Vogel), quina (*Cinchona* L.), cupuaçu-do-mato (*Theobroma* sp.), pinha (*Annona* sp.), apurú (*Alibertia edulis* (Rich.) A. Rich. ex DC.), araçá-goiaba (*Psidium guineense* Sw.), araçá-boi (*Eugenia stipitata* MC Vangh), araticum (*Annona montana* Macfad.), bacuri-coroa (*Garcinia madruno* (Kunth) Hammel), caapeba (*Piper umbellatum* L.), caapitiú (*Siparuna guianensis* Aubl.), camapu (*Physalis angulata* L.), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume), catinga-de-mulata (*Leucas martinicensis* (Jacq.) W.T. Aiton), cubiu (*Solanum crinitum* Lam.), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Spreng.) Schum), jambu (*Acmella oleracea* L), mari (*Poraqueiba sericea* Tul.), pião-branco (*Jatropha curcas* L.), taperebá (*Spondias mombim* L.), espécies também encontradas na região de Tefé, AM (ZURRA, 2017).

Nos espaços modificados pelo homem, como roças, hortas, quintais e jardins são encontrados cultivares como cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.), jerimun (*Cucurbita* sp.), limeira (*Citrus aurantiifolia* (Christm.) Swingle.), macaxeira (*Manihot esculenta* cultivar Crantz), malvarisco (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Mansf.), milho (*Zea mays* L.), quebra-pedra (*Phyllanthus orbiculatus* Rich.), tangerina (*Citrus reticulata* Blanco.), erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.), mamão-jaracatiá (*Jacaratia spinosa* (Aubl.) A. DC.), mangarataia (*Zingiber officinale* Roscoe), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), alface (*Lactuca sativa* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), espécies também encontradas em quintais do Mato Grosso (DE DAVID, 2015).

A roça, espaço antropicamente modificado pelo ribeirinho amazonense, é uma unidade de paisagem fundamental para a sobrevivência local. Os produtos cultivados constituem o feijão, melancia, mandioca, milho e a banana, principalmente (Figura 8). O feijão só pode ser cultivado na praia e na época da seca quando as águas baixam e a lâmina de areia fica exposta ... “o feijão só dá na praia... no mato só dá recua... o tipo do feijão é semelhante ao feijão de corda”. Os cultivares abastecem a mesa das famílias e o excedente pode ser trocado por produtos em outras comunidades ou pode ser vendido na feira de Tefé, que acontece no dia de domingo no período da manhã.

Figura 8. Área da praia utilizada como roça, no período da seca. Amazonas. AM. 2013
Fonte: Acervo dos autores. 2013.

O manejo das roças é feito pela técnica do *pousio* com rotação de cultura de 10 em 10 anos para cada área de cultivo e o insumo utilizado é o orgânico. O tempo entre o plantio e a colheita dos cultivares de melancia, mandioca, feijão, abóbora e milho é de três meses, em geral, que corresponde ao período da seca. O manejo para o estoque da rama da mandioca se dá em estruturas denominadas de *giraus*, na mata, e são construídos na altura das árvores como garantia durante os períodos de cheia e enchentes, que ainda assim, podem destruí-los e levando embora todo o estoque de germoplasma desse cultivar.

Portanto, nem sempre é possível manter as ramas de mandioca para o próximo cultivo.

Para armazenar as sementes de melancia, milho e feijão executam primeiramente o manejo de secagem das mesmas, que é feita ao sol em horários definidos, como início da manhã e final da tarde, por vários dias. Após as sementes já secas e prontas, são armazenadas em potes confeccionados com o cipó-da-mata e, assim garantem o estoque alimentar durante os períodos de cheia e enchente. Muitas vezes a colheita é tão farta que doam e/ou trocam sementes, caracterizando uma forte relação de trabalho e amizade entre comunidades vizinhas.

Os rios que banham as florestas da região, além de possuírem um valor cultural imensurável para os caboclos ribeirinhos locais, são também usados para a recreação e lazer, como banhos, passeios e pesca (Figura 9). A vara de pescaria é denominada localmente de tacãna, mas também pescam com o caniço, o arpão e a tarrafa. Entre as espécies mais pescadas estão o tambaqui, o tucunaré, o arauaná e o curimatá, muito apreciados e valorizados na gastronomia local.

Figura 9. Os rios no cotidiano dos ribeirinhos amazonenses. AM. 2013

Fonte: Acervo dos autores. 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plantas usadas pela população ribeirinha amazônica são diversas e o seu uso é exercido nas atividades do cotidiano. Os ribeirinhos vivem e convivem em ambientes naturais como florestas, ou ambientes antropicamente modificados, como as hortas, os quintais, as roças e com destaque para o manejo cultural ecologicamente sustentável, nos diferentes biomas locais.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M. C. de M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Bol. Mus. Pará Emílio Goeldi**, Sér.Bot.4, p. 47-131, 1996.
- AYRES, J. M. **As matas de Várzea do Mamirauá**. MCT-CNPq-PTU, SCM, Rio de Janeiro, RJ. 1993.
- ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society** 161(2): 105-121. 2009
- ALBUQUERQUE, U. P. de & LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Editora Livro Rápido/NUPEEA, 2004.
- BECKER, B. **Um futuro para Amazônia**. São Paulo: Oficina de textos, 2008.
- BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BROWDER, A. & GODFREY, F. **Cidades da Floresta: Urbanização, Desenvolvimento e Globalização na Amazônia Brasileira**. Manaus: Edua, 2006.
- DE DAVID, M. **Foto-grafias Etnobotânicas nos Quintais Urbanos de Várze Grande. MT**. Brasil. Carlini & Caniato Editorial. 2015. 79p.
- DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente: São Paulo, USP, **Biodiversidade**, 4. 2001.
- GEERTZ, C. A. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- IBGE cidades. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/9E6>>. Acesso em: 17/11/2013.
- _____. Mapa de clima do Brasil. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/RYmdBR>>. Acesso em: 06/03/2014.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edu Loyola, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MMA. 2006. Plano Amazônia Sustentável (PAS). Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sca/_arquivos/pas_versao_consulta_com_os_mapas.pdf. Acesso: 22/05/2015.

MORAN, E. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. 1º Ed. 368 p.

MORAN, Emílio F. **Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica**. 2. ed. bras. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2010.

SILVA, M. F. F.; ROSA, N.A. e OLIVEIRA, J. 1987. Estudos botânicos na área do Projeto Ferro Carajás. 5 - Aspectos florísticos da mata do Rio Gelado, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Botânica3(1): 1-20p.

PASA, M. C.; DE DAVID, M. & PASA, C. Silvicultural activities in the forests of Mato Grosso. Brazil. **Flovet**. 2016. Pp. 77 – 88.

POSEY, D. A. Indigenous ecological knowledge and development of the Amazon. In: MORAN, E. (Ed.). **The dilemma of Amazonian development**. Colorado: Westview Press, 1983. p. 225-257.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: B.G. Ribeiro (ed.), **Suma Etnológica Brasileira**, v. 1. Etnobiologia. Petrópolis, Vozes. 1986 a. p. 15-25.

ZURRA, R. M de O. **Aproximações das representações de Ciências por estudantes da educação de jovens e adultos em comunidades rurais de Tefé – AM à etno-ciência**. Tese de Doutorado. REAMEC. UEA. AM. 2017. 212 p.